

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 30 No. 2 2017

ESPECIAL: CRÍTICA FEMINISTA E ARQUEOLOGIA

ARTIGO

O SILÊNCIO DO CORPO:

INTERSEXUALIDADE INVISIBILIZADA NO CEMITÉRIO DO BONFIM

Luísa de Assis Roedel*

RESUMO

O presente artigo baseia-se em uma pesquisa em andamento que, através de um olhar arqueológico apoiado em noções da Antropologia do Gênero, buscou abordar relações de gênero expressas no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Como estudo de caso será analisada a sepultura referente à Herculine Barbin, que estabelece um pano de fundo para iniciar, desde a cultura material, o entendimento da intersexualidade na capital mineira. A discussão perpassa a compreensão da categoria “intersex” por algumas instituições – principalmente no pensamento biomédico – em um contexto delimitado, em uma sociedade moderna e ocidental. Finalmente, podemos perceber como o túmulo em questão expressa uma série de relações de gênero (mas não somente) em vida que são perpetuadas para a cidade dos mortos.

Palavras-chave: Arqueologia da Intersexualidade; Arqueologia Cemiterial; Arqueologia das Práticas Funerárias.

ABSTRACT

This paper is based upon an ongoing research, which through an archaeological standpoint supported by Anthropology of Gender, seeks to approach gender relationships noticed at Cemitério do Bonfim, in Belo Horizonte, Minas Gerais. The grave that makes a reference to Herculine Barbin will be analyzed as a case study. It establishes a backdrop to begin, from the material culture, the understanding of the intersexuality status in the city. The discussion runs through what some institutions – mainly the ones that are medical-related - comprehend by an “intersex” category, in a limited context, in a modern and Western society. Finally, we can realize how this specific gravesite expresses various gender relationships (but not only) in life, which will be forwarded later on to the city of the dead.

Keywords: Archaeology of Intersexuality; Cemiterial Archaeology; Archaeology of Mortuary Practices.

* Graduada em Antropologia com ênfase em Arqueologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestranda do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGAN), na UFMG, e bolsista da FAPEMIG. Membro do corpo editorial do periódico Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica. luisaroedel@gmail.com.

A sociedade moderna é fundada em uma série de relações que compõem identidades de grupos e indivíduos. Nesse sentido, quando pensamos em relações de gênero, devemos nos atentar para o papel estruturador que ele desempenha em âmbitos diversos.

Cada cultura entende e aceita certos comportamentos e posturas, ao mesmo tempo em que segrega enquanto marginais aqueles que não se enquadram no que é considerado dentro desses índices de normalidade. Assim, as marginalidades são contextuais, de modo que cada sociedade em momentos históricos distintos elenca o que é considerado como periférico. Entendo que indivíduos podem ser marginalizados devido às questões de gênero mais diversas. Existe ainda um contexto específico no qual assumir determinadas identidades não reconhecidas pelo contexto envolvente – relacionadas a gênero nesse exemplo, mas não somente – culmina na categorização desses indivíduos como párias sociais.

A arqueologia das práticas mortuárias pode auxiliar em uma compreensão mais ampla do fenômeno social em suas múltiplas facetas, como mudanças políticas, alterações econômicas e transformações de mentalidades (LIMA, 1994; RIBEIRO, 2009). Desse modo, os cemitérios são fontes que possibilitam o entendimento para além temática da morte, abarcando uma série de fenômenos sociais subjacentes.

Uma vez que é legítimo compreender estratificação social, transformações políticas e econômicas, bem como manifestações religiosas a partir da cultura material, mais especificamente, através de uma cultura material fúnebre, entendo que o cemitério disponibiliza dados capazes de provocar discussões em torno de relações de gênero. Através da materialidade de uma necrópole é possível, por exemplo, perceber características de uma sociedade extremamente patriarcal e fundada na coesão do núcleo familiar, visto que jazigos de famílias frequentemente apresentam apenas no nome do patriarca (GRASSI & BATISTA, 2012; MOTTA, 2008). Os nomes das esposas e filhos, quando existentes, são dispostos de maneira secundária na lápide. A memória e individualidade dessas pessoas são suprimidas, de modo que o patriarca e a unidade familiar ocupam posto de destaque.

O estudo dos padrões funerários e da materialidade fúnebre possibilita, assim, perceber, através de um empreendimento particularista, as continuidades e mudanças na sociedade operadas também devido à ação individual. Os papéis sociais continuamente renegociados e transformados, reconhecendo a importância da agência e do significado culturalmente localizado, podem ser dessa maneira alcançados a partir da cultura material de um cemitério. Ao final desse artigo busco esclarecer, com base nesse estudo de caso, como podemos rechaçar a falsa homogeneidade dos corpos modernos, controlados e construídos por discursos não aleatórios de instituições diversas.

PARA ENTENDER O CASO EM QUESTÃO: O CEMITÉRIO DO BONFIM E HERCULINE BARBIN

O Cemitério do Bonfim foi pensado, desde sua concepção inicial, para ser parte integrante de Belo Horizonte. Tanto a necrópole quanto o cemitério foram planejados pela Comissão Construtora da Nova Capital e fundados no mesmo ano, em 1897. Dessa maneira, compartilham em sua organização espacial ideais republicanos e higienistas tão em voga na época.

O estudo arqueológico do cemitério busca compreender discursos não verbais presentes na arquitetura da necrópole, bem como na organização espacial e adornos dos jazigos. Entendo a materialidade como passível de ser lida, com características

análogas a um texto, sendo assim capaz de transmitir discursos sociais carregados de ideologia e intencionalidade (ZARANKIN, 2002).

Uma vez que foi o único cemitério público de Belo Horizonte até 1942, o Bonfim abrigou durante mais de quatro décadas pessoas oriundas das mais diferentes categorias sociais. As diferenciações em vida seriam expressas, de alguma maneira, na cidade dos mortos, marcando espaços de distinção e hierarquia espacial. Assim, o cemitério demonstra segregações que visibilizam e perpetuam a memória de alguns grupos em detrimento de outros.

A partir da observação sistemática dos túmulos, pode-se perceber que, em um mesmo período, diferentes setores da sociedade conviveram no espaço funerário. Entretanto, fronteiras simbólicas foram erguidas, com o objetivo de demarcar segmentações e hierarquias, monumentalidades e invisibilidades. Essas diferenciações não são somente relacionadas a relações de gênero, podem também surgir devido à classe, religião, etnia, etc.

Nessa perspectiva, atentando para as segregações espaciais e materiais, um túmulo específico me chamou atenção, talvez pelo enigma que o envolve. O fato de o sepultamento retratado na foto abaixo ser relacionado a um intersex é simbólico, porque o jazigo foi negligenciado em várias esferas sociais, que serão destrinchadas ao longo do texto.

Figura 1 - Lápide com referência a Herculine Barbin, no Cemitério do Bonfim, 2014¹



A sepultura acima se diferencia pelos escritos em sua lápide, que a tornam peculiar por dois motivos: 1) além de não informar o nome do falecido, sua data de nascimento ou de óbito, a lápide 2) apresenta a seguinte mensagem parcialmente codificada:

“HERCULINE BARBIN,
HERMARODITA DO FINAL DO
SÉCULO XIX QUE DIANTE DA

¹ As fotografias apresentadas nesse artigo são de autoria própria.

EXIGÊNCIA MÉDICA DE ELEGER ENTRE UM DOS SEUS SEXOS, SE SUICIDA.”

O texto é parcialmente codificado, pois para entendê-lo é preciso ter acesso à figura citada: Herculine Barbin. Herculine foi diagnosticada como hermafrodita e designada como mulher no momento de seu nascimento, tendo adotado o nome de Alexina. Quando jovem, percebeu que seu corpo entrava em conflito com sua identidade de gênero, sendo obrigada, aos 20 anos, pela família, profissionais da medicina e figuras religiosas, a mudar seus comportamentos e hábitos, que seriam a partir de então masculinos (FOUCAULT, 1980). Vale ressaltar que x falecido no Cemitério no Bonfim não é o personagem francês, ainda que faça referência a ele.

O hermafroditismo – hoje denominado intersexualidade – se configurou como um desafio aos médicos de finais do século XIX, e o protocolo adotado consistia somente em cirurgias para a remoção de um dos sexos. A realidade dos indivíduos operados era, muitas vezes, acompanhada de conflitos internos, ligados ao confronto entre o próprio corpo e a identidade de gênero, que culminavam em distúrbios psicológicos levando, por vezes, ao suicídio.

Michel Foucault demonstra como os campos da medicina, religião e direito tentaram – e muitas vezes falharam – atribuir um sexo estático à identidade de gênero:

*Brought up as a poor and deserving girl in a milieu that was almost exclusively feminine and strongly religious, Herculine Barbin, who was called Alexina by her familiars, was finally recognized as being ‘truly’ a young man. Obligated to make a legal change of sex after juridical proceedings and a modification of his civil status, he was incapable of adapting himself to a new identity and ultimately committed suicide*² (FOUCAULT, 1980:11, grifo meu).

O autor chama atenção à designação forçada (e falha) na identidade de Barbin. A percepção subjetiva de si próprio não é facilmente transcrita no corpo. Elx era incapaz de adaptar sua nova identidade ao seu corpo e “era um daqueles desafortunados heróis em busca pela própria identidade”³ (FOUCAULT, 1980:12, tradução livre).

PRECISAMOS VERDADEIRAMENTE DE UM VERDADEIRO SEXO?⁴

Today we see the notion of pathology applied in many settings – from the sick, diseased or different body, to the single-parent family in the urban ghetto. But imposing a gender norm is socially, not scientifically driven
Anne Fausto-Sterling (2000:8)

Para pensarmos a questão dos intersex, conceitos com fundamentos biológicos e culturais transpassam os discursos, principalmente médicos e religiosos, buscando ‘revelar’ o sexo ‘verdadeiro’, ‘natural’ (MACHADO, 2005b). Considerando características genéticas e endocrinológicas, a intersexualidade é o desequilíbrio entre os fatores responsáveis por determinar a genitália. Dessa maneira, o indivíduo apresenta ambiguidade sexual, com características tanto femininas quanto masculinas.

² “Criada como uma garota pobre em um meio que era quase que exclusivamente feminino e fortemente religioso, Herculine Barbin, que era chamado de Alexina pelos seus familiares, foi finalmente reconhecido como um ‘verdadeiro’ rapaz. Obrigado a fazer uma mudança legal de sexo após procedimentos jurídicos, além da modificação do seu status civil, ele foi incapaz de se adaptar à nova identidade e, por fim, cometeu suicídio.” (FOUCAULT, 1980:11, tradução livre).

³ No texto em inglês: “was one of those unfortunate heroes of the quest for identity”. (FOUCAULT, 1980:12)

⁴ Questionamento que introduz o prefácio do diário de Herculine/Alexina.(FOUCAULT, 1983:1)

A temática da intersexualidade convida a problematizar o sexo enquanto dicotomia. O discurso médico, pautado em uma ontologia moderna ocidental, categoriza o sexo dualmente, em masculino e feminino, tidos como categorias monolíticas e mutuamente excludentes. A partir disso, a construção do conceito de intersex passa por um processo histórico, que, apesar de não ser discutido com maior profundidade aqui⁵, demonstra que o lado diverso das crenças e práticas atribuídas a esses indivíduos é culturalmente localizado. Esse entendimento passa desde algo anormal e monstruoso em alguns grupos, até sociedades que tem um lugar institucionalizado para os intersex, como na Índia (BASTOS *et al*, 2009:1153).

Até meados do século XIX, a intersexualidade era discutida no âmbito moral de uma sociedade. Nesse contexto, o intersex era percebido como um indivíduo completo, no qual coexistia a totalidade dos gêneros.

No caso em questão, a intersexualidade será discutida a partir de meados do século XIX, momento em que o discurso vigente percebe esses indivíduos como seres incompletos, ambíguos e necessitados de auxílio médico.

As ciências sociais, por muito tempo, pensaram gênero sob uma forte influência do determinismo biológico. Segundo Moore, os estudos de gênero têm como premissa um “modelo nativo ocidental da reprodução humana” (MOORE, 1997: 4), no qual a diferença entre mulheres e homens é entendida como dada, é natural. Admite-se, entretanto, que dessa diferença partem construções sociais, mas a diferença em si, a dicotomia biológica, não é entendida como fabricada, e, portanto, não é questionada.

A noção de sexo também é construída dentro de um contexto com seus valores e sentidos especificamente localizados. O sexo entendido como fato biológico, dicotômico, que diferencia homens e mulheres, está imbricado em uma trama de práticas sociais relacionadas a sociedades específicas e, por isso, pode ser entendido também como uma construção social.

Uma vez que o dualismo dos sexos é percebido como um dado biológico, não construído, este não é problematizado pela comunidade médica. Esta, por sua vez, busca enquadrar o indivíduo intersex nos padrões binários e entendidos como naturais da sociedade ocidental (MACHADO, 2005a; 2005b).

Existe, entretanto, um imaginário que retrata os intersex antes da medicalização do sexo. Por vários séculos, eles conviviam harmoniosamente com os dois sexos, sem necessidade de escolher um em detrimento do outro. Com o advento do Estado Moderno, que exerce controle administrativo sobre os indivíduos, determina-se que cada pessoa terá um só sexo em oposição à concepção anterior, que entendia os sexos como justapostos e coexistentes nos indivíduos intersex (BASTOS *et al*, 2009; HERDT, 1993; MACHADO, 2005b). O controle institucional fica evidente no exemplo de pessoas intersex: uma vez que a construção do corpo é limitada, a corporalidade deve se adaptar ao padrão dual que distingue e aparta feminino e masculino.

A partir de então, cabia ao médico não apenas constatar a presença de dois sexos misturados, mas também procurar o ‘verdadeiro sexo’ que se confunde com o outro: acidental, superficial. A prática vigente a partir do século XVIII entende que “o médico terá que, de certo modo, despir as anatomias enganadoras e reencontrar por detrás dos órgãos que podem ter encoberto as formas do sexo oposto, o **único sexo verdadeiro**” (FOUCAULT, 1983:2; grifo meu).

O interesse médico e social em eleger apenas um sexo, este verdadeiro e escolhido pela natureza, está ligado ao controle da moral. A sociedade exigirá que o indivíduo

⁵ Para uma perspectiva histórica da intersexualidade consultar: BASTOS, Ana Cecília *et al*. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19 [4]: 1145-1164, 2009.

exerça papéis de acordo com seu sexo verdadeiro, entendendo, assim, que o sexo contém as verdades sobre a concepção do indivíduo e desempenha importante – senão determinante – papel na construção de sua identidade. (FOUCAULT, 1983:4).

A categoria natural, tão imbricada no discurso médico, não é problematizada, mas, sim, entendida como um dado da biologia, levando “a designação do corpo dentro da categoria do ‘natural’ (ela mesma uma categoria culturalmente construída); e a divisão cultural de todos os corpos humanos em duas categorias de Sexo exaustivas e mutuamente exclusivas.” (MOORE, 1997:6).

A alteração cromossômica que é enquadrada segundo o amplo escopo do termo “estados intersex” (MACHADO, 2005b) não é percebida como natural dentro do entendimento da sociedade moderna ocidental. Essa concepção está sujeita à interpretação no contexto de um discurso médico específico, em uma sociedade fundada nas bases do binarismo, que, por esse motivo, se pauta em enquadrar indivíduos desviantes de acordo com a norma física e biológica moralmente aceita.

De volta ao Cemitério do Bonfim, pensando que a sepultura em questão está em um cemitério secular de fins do século XIX, fruto das ideologias da época, sendo construída no século XX⁶, abordarei aqui as mentalidades da sociedade oitocentista para lidar com o intersex, principalmente através de instituições médicas. A sociedade em questão deixa de conceber esses indivíduos como monstros ou figuras míticas (BASTOS *et al*, 2009), e projeta o corpo dessas pessoas como fruto da modernidade, possuidor de uma anormalidade que seria idealmente consertada pela ciência.

Segundo Michel Foucault (1980; 1983), essas anomalias anatômicas diversas têm como objetivo balizar aquilo que é moralmente aceito e o que não o é. O sujeito intersex se encontra fora dos padrões duais que determinarão posteriormente uma série de expectativas e papéis sociais. Assim, o discurso médico, cirúrgico, entende que “consertando” o “erro” da biologia, o indivíduo assumirá papéis e possuirá uma identidade sexual heteronormativa relacionada ao seu sexo biológico.

O procedimento cirúrgico não objetiva somente construir uma única genitália, masculina ou feminina. Entende-se que as categorias biológicas definirão também as expectativas em relação aos papéis sociais que serão desempenhados pela pessoa. Todavia, a ligação entre biologia e comportamento social não pode ser compreendida como uma simples relação de causa-efeito, de maneira que a genitália não determina as construções de gênero do indivíduo. Assim, as concepções prévias dos comportamentos ligados ao sexo são problemáticas, pois “significados simbólicos associados às categorias mulher e homem são socialmente construídos e não podem ser considerados naturais, fixos ou predeterminados” (MOORE, 1997:2).

Quando todo o discurso médico está fundado nas bases da cultura ocidental binária, surge uma confusão entre o que é natural e o que é idealizado por esta sociedade (MACHADO, 2005b; MOORE, 1997). O intersex é tido como diferente, é percebido como um anormal em um corpo não natural. Assim, o termo natural é empregado de maneira enganadora, não de fato para designar o que é orgânico, mas sim para enquadrar ou não o corpo no modelo aceito e dentro dos padrões morais dessa sociedade. O que não é problematizado pelos pais ou comunidade médica é que a genitália após a cirurgia não é natural, mas sim uma construção idealizada, fruto de intervenções biomédicas.

Existe certo consenso, especialmente, no meio médico, que o procedimento cirúrgico resolverá o problema da ambiguidade do sexo. A incongruência pode até ser extinta anatomicamente, mas a cirurgia não é capaz de solucionar os conflitos internos

⁶ Ver explicação sobre a datação relativa do jazigo na nota 8.

desses indivíduos. Isso porque os motivos para conflitos psicológicos não se originam de um desajuste préexistente entre corpo e identidade de gênero (já que estes são socialmente construídos), mas devido à imposição de uma autoridade médica que entende os intersex enquanto uma anomalia patológica e não como condição natural.

O corpo que não se enquadra no modelo totalmente feminino ou totalmente masculino é estigmatizado e, por isso, médicos e familiares designariam um sexo através de procedimentos cirúrgicos. O tratamento invasivo tem como finalidade transformar a incongruência do sexo, pois o ato de ajustar o corpo anormal ao que é tido como natural devolveria ao indivíduo sua integridade física, e, por consequência, emocional e moral.

As cirurgias, tão frequentes e tão precoces, só podem ser explicadas com base na dicotomia homem x mulher. “Embora a diferença sexual não seja uma doença ou uma condição médica em si, ainda continua sendo tratada como tal desde meados do século XIX” (BASTOS *et al*, 2009: 1155). Segundo as autoras, em poucos casos a condição pode trazer danos à saúde, o que exalta ainda mais o caráter ideológico das cirurgias de definição de sexo, demonstrando que as noções de cura e doença são também impregnadas por discursos de controle dos corpos.

A medicina se pautou, portanto, em perceber o corpo como Le Breton (2003), que “considera o corpo como um rascunho a ser retificado, uma matéria-prima que deve ser organizada de outra forma” (BASTOS *et al* 2009: 1156) se não se encontra dentro dos padrões da normalidade. O rascunho corporal deve se adequar às expectativas sociais sobre o mesmo.

Entendo, então, que as ferramentas biomédicas atuam sobre corpos intersex para ajustá-los a uma lógica moderna e ocidental que limita a construção do corpo fora das normas. Dessa maneira, o discurso médico reforça e constrói discursos dualistas sobre sexos dicotomicamente excludentes. Cabe lembrar que a dualidade – e os conflitos derivados dela – deve ser explicada enquanto uma construção cultural que não é pré-social.

A figura do intersex, ao fugir da homogeneidade dos corpos femininos ou masculinos, põe em cheque o modelo dual que estrutura tantas instituições modernas. Por isso, a diferença é tratada como desvio que necessita ser consertado.

A SEPULTURA VIVA: A CONSTRUÇÃO DE UM CORPO DO MORTO

Há túmulos que, em silêncio, nos falam do mundo.
Rilke (apud ALMEIDA 2007:171)

Durante início do século XX até os primeiros trabalhos de arqueologia processual, o corpo era entendido como dado secundário nas pesquisas arqueológicas, como nos explica Melisa Salerno: “*la historia cultural pareció centrarse em la historia vivida por una serie de conjuntos o culturas arqueológicas, antes que por grupos de personas*” (SALERNO, 2015:10)

A partir de meados do século XX, com a arqueologia processual, o corpo é visto de maneira mecanicista, integrando um subsistema cultural e como um mecanismo adaptativo da cultura.

Somente a partir da década de 1980 o suporte físico da pessoa passa a ser percebido como representação de práticas sociais, e não somente entendido a partir de suas características biológicas. O corpo é pensado então como detentor de agência, recebendo transformações e agindo sobre os processos culturais.

As ciências sociais apresentam ricas discussões sobre a relação corpo e vida (CSORDAS, 2008; LE BRETON, 2003), nas quais é subentendido, com base em

perspectivas biológicas que a vida vem do corpo, e ele é suporte da vida. Porém, deixando as influências biológicas de lado, uma vez que se cessa a vida no corpo vivo, o esse se constitui de outra matéria. Desse modo, acredito que seria possível materializarmos a vida em outro suporte que não o corpo biológico, como nos sepultamentos e adornos funerários.

Partindo da concepção de Sally Errington (*apud* MOORE, 1997:4), entendo o corpo como sistema de signos que só pode ser decodificado se culturalmente localizado. As construções e significações que o envolvem são distintas e estão imbricadas em diversas tramas de práticas sociais, que variam histórica e culturalmente.

Nesse sentido, não entendo que o corpo deva ser tratado como categoria essencializada, como em “O corpo”. Acredito que “corpos múltiplos” (CSORDAS, 2008) se expressam de maneira relacional, tendo uma expressão relativa em contextos diversos, em contato com diferentes corpos.

Uma vez que as experiências individuais passam pelo suporte físico da pessoa, este pode ser entendido como objeto profícuo para o estudo da arqueologia, que pode buscar resgatar parte da estruturação social a partir da corporalidade. Através da perspectiva arqueológica, entender o jazigo corporalizado permite problematizar as relações entre corpo e gênero, além das ligações entre o corpo intersex e seu processo de medicalização.

A corporalidade é essencial para a produção e reprodução de ideologias e discursos sociais. “*Los arqueólogos han demostrado que la vida social en el pasado también tuvo en cuenta la apariencia, y se fundó en diversas reglas y controles corporales*” (SALERNO, 2015:12). As práticas e discursos de instituições sociais diversas, como Estado, religião e medicina sobre o corpo permitem aceder a entendimentos passados acerca de diferentes dimensões sociais.

Assim, a corporalidade pode ser estudada com a finalidade de abordar outros interesses, considerando o papel do mesmo em diferentes âmbitos sociais e, por sua vez, pensando como diversas esferas atuaram sobre esse suporte.

Entender como operam as construções corporais exige uma contextualização das significações e práticas que regeram os corpos em determinado período, tendo em vista que estes são socialmente constituídos e que informam acerca de discursos carregados de ideologia e intencionalidade de uma determinada sociedade.

Os sentidos dados aos corpos e às práticas nas quais estes se envolvem são altamente variáveis, cultural e historicamente. Entretanto, a experiência de corporificação – nas quais esses sentidos e práticas são incorporados como disposições e competências duradouras dos agentes humanos reais (Bourdieu, 1977: 85-95) - é algo que pode ser considerado universal. (MOORE, 1997:3)

No Cemitério do Bonfim e no caso aqui discutido, discursos agem sobre o corpo uma vez que o indivíduo intersex se encontra “diante da exigência médica de eleger entre um dos seus sexos”, como consta na referida lápide. A modernidade também oferece alternativas para pessoas desviantes, que não se enquadram nas “categorias fixas e mutuamente exclusivas de sexo” (MOORE, 1997:5).

O discurso moderno, através de uma ideologia pedagógica de gênero, ensina a perceber o mundo como dicotômico. Assim, a naturalização das categorias binárias de sexos é maléfica, uma vez que segrega física e psicologicamente pessoas que não se adequem a esses padrões.

O corpo do intersex não atinge a “inteligibilidade cultural” (BUTLER, 1993:2), já que não é compreendido e é alvo de estigmas por parte da sociedade envolvente. O não pertencer às categorias dualmente delimitadas de homem e mulher é o motivo de não adequação do corpo intersexual.

Para além das propostas biologicistas que propõem uma visão do corpo que acaba na fronteira da pele, busco entender a materialidade corpórea além deste limite. “*La continuidad física del cuerpo muerto (o sus partes) permitiría sostener la continuidad de la persona, en tanto aportaría un principio de identificación*” (SALERNO, 2015:21).

Para pensar o que me proponho – a extensão do corpo no suporte do jazigo – é preciso escapar da divisão binária entre sujeito e objeto. Acredito que nessa pesquisa arqueológica, humanos e não humanos estão em pé de igualdade, uma vez que a ação se encontra distribuída nas relações entre humanos e coisas (LATOURET, 2012).

Ao negar a centralidade do sujeito, é possível considerar que o túmulo carrega parte da pessoa em si. Assim, é possível perceber que a identidade continua a ser veiculada em outros suportes para além do corpo físico. Partindo dessa concepção, os corpos múltiplos (materialmente congelados ou não) agem sobre ao mesmo tempo em que recebem agência dentro de uma rede de relações.

Entendendo que o corpo vivo e o corpo *post mortem* são construções sociais, busco perceber o tratamento para com os intersex a partir da temporalidade congelada no jazigo. Este pode ser entendido como extensão do corpo encarnado e, portanto, evidencia uma trama de relações que existiram em vida (CSORDAS, 2008:104).

Através do entendimento médico e legal do corpo incongruente, pode-se pensar na figura da pessoa que tinha esse suporte físico, entendendo que sua identidade interna passa pela corporalidade representada no cemitério através do jazigo e dos adornos funerários.

Pensar a sepultura como um corpo permite algumas analogias que possibilitam vislumbrar o papel social de um intersex nas primeiras décadas de Belo Horizonte. Entendendo o cemitério como metáfora da cidade, as quadras podem ser entendidas como bairros. Existem aqueles mais periféricos outros mais centrais, aqueles mais ou menos tumultuados.

A sepultura de Herculine localiza-se na quadra 18, originalmente uma quadra temática, destinada a figuras ilustres, de destaque político ou militar. O corpo de Herculine está então congelado em meio a corpos da elite mineira, que possuem ornamentos funerários contrastantes se comparados à simples sepultura do intersex.

Pensando tal sepultura de maneira contextual, considerando sua localização em uma quadra da elite tradicional mineira, além da referência à Foucault na lápide, Herculine provavelmente pertencera a uma família dessas famílias tradicionais que habitam o bairro 18.

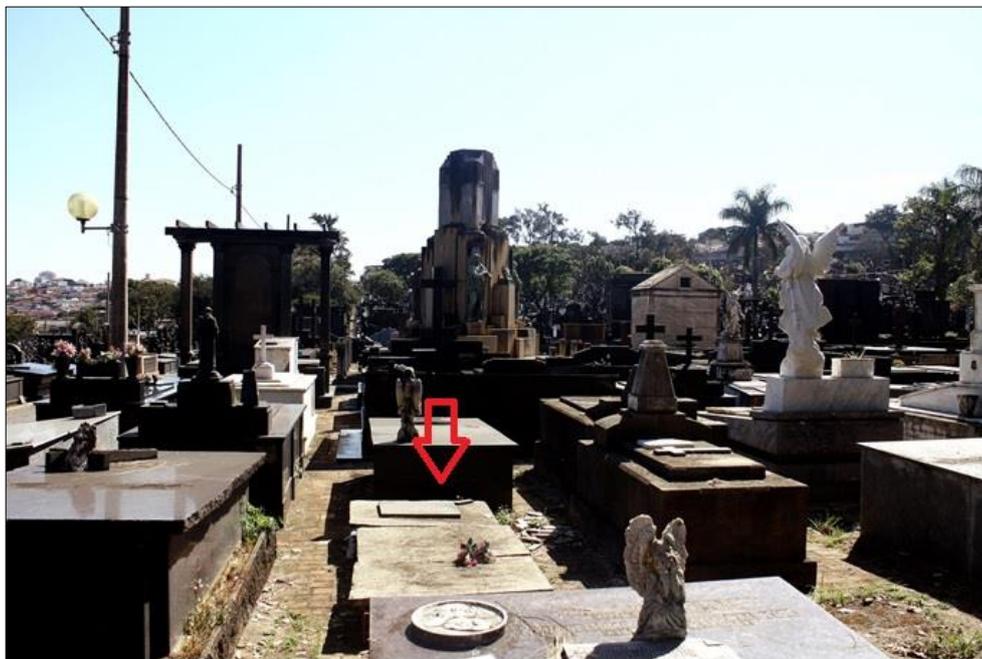
Do ponto de vista de sua materialidade, o túmulo é baixo, erguido poucos centímetros acima do chão. Foi utilizada argamassa para recobrir o sepultamento e três tijolos em uma de suas extremidades. Nota-se uma lápide quadrada e pequena sobre o constructo de alvenaria. Suas dimensões denotam uma sepultura individual, incomum para os padrões de enterramento a partir do início do século XX.

Se levarmos em conta a localização, a história do cemitério e da quadra 18 bem como a construção do sepultamento, o corpo congelado permite alcançar fragmentos da realidade vivida por indivíduos intersex, no início do século XIX, na capital mineira. A cidade ficou famosa⁷ pelo país pelo fato de um cirurgião realizar intervenções que “revelariam” o “verdadeiro” sexo nos intersex. A imprensa se certificava fabricar uma

⁷ De acordo com as informações levantadas por Luiz Morando (2012), o sepultamento do Bonfim pode ser contemporâneo ao momento em que Belo Horizonte ficou famosa como cidade na qual era comum “o fenómeno de haver uma senhorinha virado homem” (*ibidem*, 2012:150), aproximadamente a partir da segunda década do século XX. A primeira cirurgia realizada em um intersex de que se tem notícia na capital ocorreu em 1917. Registros evidenciam que na década de 1920 ocorreram algumas outras operações e, na década de 1930, mais de uma dezena de intervenções foram documentadas.

imagem de que em Belo Horizonte todos os tipos de coisas esdrúxulas aconteciam: “Pela segunda vez, o illustre cirurgião dr. David Rabello, com um golpe feliz de bisturi, transforma uma franzina moça num guapo rapaz (Dos jornaes).” (MORANDO, 2012:157)

Figura 2 - Inserção do referido jazigo na quadra 18, 2016.



Entendo que esse jazigo é a continuidade de uma pessoa cujo corpo sofreu ação violenta de várias instituições, principalmente médicas. Ao corpo incongruente foram feitas “exigências médicas” que explicitam o controle dessa instituição para regular e consertar qualquer forma de inadequação.

Partindo da noção de Judith Butler (*apud* SALERNO, 2015) que não existem corpos pré-sociais, entendo que os discursos médicos agiram sobre o corpo intersex, de forma a tentar buscar uma harmonia relativa à designação de um único sexo. As categorias analíticas dicotômicas – homem x mulher – carregadas de nossos pressupostos culturais ocidentais (MOORE, 1997:4) não são proveitosas, já que são capazes de causar uma série de transtornos na pessoa cujo suporte foi impactado pela modernidade.

A invisibilidade do jazigo, em diversas esferas, também é sintomática e provavelmente relacionada a uma trama de relações de exclusão do corpo em vida. Inicialmente, o Estado, representado nesse caso pelo IEPHA-MG, não analisou ou, ao menos, não reconheceu a presença do jazigo em questão no Inventário do Cemitério do Bonfim⁸. Os pesquisadores que realizaram pesquisas acadêmicas no Bonfim tampouco. Na administração do cemitério a (falta de) documentação também invisibiliza o túmulo⁹. A materiabilidade do mesmo, análoga a tantos mausoléus opulentos, contribui

⁸ Relatório Final de Pesquisa de Inventário do Acervo de Estruturas Arquitetônicas e Bens Integrados do Cemitério do Bonfim – Belo Horizonte, IEPHA-MG, 2010. Disponível em: <http://www-antigo.mpmg.mp.br/portal/public/interno/arquivo/id/22622> (Acesso dia 20/06/2016).

⁹ Segundo os registros do cemitério, nesse jazigo aconteceu apenas um enterramento, que data de 1930. Não acredito que esse indivíduo seria o intersex, pois na ficha consta que o falecido tinha apenas um ano de idade. Assim, creio que as alterações no túmulo – talvez de forma, mas certamente na lápide – ocorreram após essa data.

para que seja um sepultamento esquecido. Finalmente, o enterramento individual representa a exclusão de um núcleo familiar, devido ao entendimento de que intersex eram indivíduos desviantes da categoria binária essencializada.

Em 2010, o IEPHA-MG publicou “Pesquisa de Inventário do Acervo de Estruturas Arquitetônicas e Bens Integrados do Cemitério do Bonfim – Belo Horizonte”. A instituição relata que o inventário tem por objetivo conhecer para preservar o vasto patrimônio artístico presente nesse espaço de importância histórica e artística da capital.

A pesquisa realizada pelo IEPHA-MG contribuiu principalmente para um maior conhecimento de obras e adornos funerários localizados no cemitério, realizados por reconhecidos artistas. Todavia, o inventário teve como critério para registro das sepulturas o caráter artístico e monumental, propondo um levantamento que reforçaria a memória de personalidades já reconhecidas.

O critério utilizado para recorte da pesquisa do IEPHA-MG considera um caráter histórico, ou seja, prezando pela “seleção e inventariamento das primeiras quadras construídas no cemitério, história de vida das personalidades, políticos, religiosos, comerciantes, artistas, intelectuais e outros indivíduos com destaque social” (2010:2, grifo meu). Foram considerados também aqueles sepultamentos que contassem com expressão artística e apuro estético, além daqueles jazigos nos quais os “materiais utilizados (mármore, bronze, granito, pedra sabão) que dizem respeito a um ‘saber fazer’, uma dimensão histórica e também artística” (*idem*).

Cabe pensar em qual memória este órgão público está reforçando. A oportunidade de dar voz e reconhecimento àqueles que fugiam às normas não foi aproveitada pela instituição. Dessa maneira, reforçar a memória daqueles que já são lembrados através de inúmeros outros caminhos me parece redundante. Assim, a possibilidade de visibilizar outros segmentos sociais, tão necessários e importantes para a história da sociedade mineira quanto às figuras de destaque histórico, é ignorada voltando-se novamente para uma corroboração da história oficial.

Os estudos da cultura material, a partir de um viés arqueológico, surgem como força poderosa nessa situação, no sentido que não dependem dos relatos escritos produzidos por classes dominantes para legitimar uma ideologia hegemônica. Entretanto, os jazigos são utilizados nessa pesquisa apenas para comprovar e exemplificar a importância e a riqueza de personagens já conhecidos pela sua importância na sociedade mineira.

As pesquisas acadêmicas que têm como objeto de estudo o Cemitério do Bonfim (ALMEIDA, 1998, 2007; MOLLINARI, 2011) tampouco se atentaram para a presença de um corpo intersex em meio aos suntuosos e opulentos corpos congelados da quadra 18. Entendo que nenhum desses trabalhos se propõe a evidenciar uma versão alternativa da história ou focar em indivíduos comuns ou subalternos, sem destaque social.

Materialmente o sepultamento em questão choca por se distinguir tão radicalmente dos enterramentos na quadra 18. O contraste é tão evidente que talvez por esse motivo chame atenção ao túmulo. Esta quadra foi inicialmente destinada a políticos e militares, de maneira que tal organização inclusive facilitou o recorte espacial do trabalho realizado pelo IEPHA-MG, que encontrou em uma única quadra vários mausoléus de figuras expressivas para o inventário.

O túmulo que faz referência a Herculine Barbin é simples e pequeno, sendo construído a apenas 23 cm do solo, a matéria prima utilizada – argamassa – é uma das mais baratas dentre aquelas usadas para construção tumular. Diferentemente da

maioria dos jazigos de sua quadra, esse não apresenta nenhum adorno funerário, apenas uma lápide simplória.

A tentativa de obter maiores informações sobre a pessoa enterrada foi infrutífera, uma vez que nos registros de sepultamento do cemitério não constam informações que possam estar relacionadas com este túmulo. A falta de documentação torna-se, assim, uma dificuldade para visibilizar e rememorar a identidade do corpo físico ali enterrado.

Apesar de ter sido sepultado em um túmulo individual, a individualidade desse sujeito lhe foi negada, uma vez que seu direito à memória e sua identidade foram transferidos à figura de Herculine Barbin. A partir de seu jazigo, a única informação que se pode aceder é uma simplificada representação de sua condição de intersex. A vergonha e negação de Barbin por sua família, por ter sido uma pessoa desviante, fez com que o morto não fosse identificado e que não fosse relacionado a nenhuma narrativa familiar comum.

Na tênue linha entre lembrança e esquecimento, o túmulo surge, geralmente, para corroborar e facilitar a memória. A atitude de recordar mantém a figura do morto presente dentro de uma rede de relações, mesmo em um ambiente embebido na morte. A lembrança é o que aciona uma série de relações dos vivos com o corpo-sepultura, estabelecendo novas relações entre pessoas e túmulos que irão corporalizar e chamar de volta à vida aquele que partiu. Em alguns casos, entretanto, o corpo *post mortem* parece não ser o suficiente para perpetuar a memória do indivíduo, vigorando assim o esquecimento.

Esse jazigo em particular permite perceber não somente sua materialidade que é um dado arqueológico, mas também toda a problemática histórica que o envolve. Ao refletirmos sobre o túmulo de Herculine Barbin, podemos acionar os conflitos derivados de discursos hegemônicos de gênero que existiam no passado e se perpetuam no presente. Uma vez que o objeto é material, mas também recebe influências e age sobre o social, entendo que essa sepultura explicita a postura de diferentes instâncias – médicas, familiares – para com o intersex. A percepção da invisibilidade do sepultamento nas diversas esferas acima referidas exemplifica as atitudes em relação ao intersex também em vida, uma vez que percebo o corpo vivo e o corpo *post mortem* como gerador de sentidos capazes de situar o sujeito no mundo.

Nesse sentido, o jazigo enquanto corpo bem como o corpo como suporte de vida do intersex se encaixam no que Judith Butler entende como “corpos que não pesam”¹⁰, no sentido de que enquanto são ambíguos estes indivíduos e seus suportes físicos não valem, são descartáveis. Para serem considerados fora dessa concepção de inadequação e contrassenso, a constituição física dos intersex devem se enquadrar a o que é moral e socialmente aceito, sendo assim submetidos à cirurgia de definição de sexo.

O túmulo expressa o impacto que a modernidade possui sobre os corpos, exigindo que estes sejam transformados de forma a limitar sua construção a partir de discursos hegemônicos. Ao mesmo tempo, o corpo configura-se também como veículo de processos da modernidade, uma vez que a alteração do suporte da vida é feita para que o corpo se enquadre em padrões modernos, corporificando, assim, práticas específicas.

Procurei nesse estudo perceber o corpo longe da abordagem mecanicista que o entende somente como um organismo biológico. O corpo enquanto tal, sua capacidade de agência, além da possibilidade de representar fragmentos de uma estruturação social, é uma ferramenta que auxilia, a partir de uma nova chave teórica, a compreender diversos processos culturais.

¹⁰ BUTLER, 2003:171. A autora relaciona corpos que não pesam aos corpos de travestis e transexuais, mas acredito que a expressão pode ser deslocada para o contexto dos intersex também.

Superar o paradigma de corpo físico e corpo biológico implica em perceber que o limite do corpo não é a pele, entendendo também que ele carrega uma realidade vivida e não é simplesmente um objeto passivo. Assim, é necessário criticar a noção do corpo biológico como essencializado, considerando, dessa maneira, a plasticidade do mesmo, uma vez que o corpo está sujeito a sofrer mudanças distintas em diferentes contextos culturais.

O cemitério se configura, assim, como um local que, para além das atitudes diante da morte, são expressas também relações de gênero e discursos ideológicos refratados na cidade dos mortos. Perceber o jazigo como corpo que abarca uma realidade vivida implica em perceber um corpo social, com agência e que expressa fragmentos de um sistema cultural. O túmulo corporalizado permite acessar instituições punitivas, médicas e educativas que operam sobre o corpo moderno (FOUCAULT, 1987) além de evidenciar o papel do mesmo na existência pessoal e na vida social (SALERNO, 2015).

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a. Érica Souza, pelas discussões durante a disciplina Antropologia do Gênero e também ao meu orientador Prof. Andrés Zarankin pelas sugestões e leitura atenta do texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Marcelina. 1998. *O Cemitério do Bonfim: a morte na capital mineira*. *Locus: Revista de História*. Juiz de Fora, v.4, – n. 2, jul.- dez.
- ALMEIDA, Marcelina. 2007. *MORTE, CULTURA, MEMÓRIA - MÚLTIPLAS INTERSEÇÕES: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte
- BUTLER, Judith. 1993. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge.
- BUTLER, Judith. 2000. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed., Belo Horizonte: Autêntica, pp. 151-172.
- BUTLER, Judith. 2003. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BASTOS, Ana Cecília et al. 2009. *O discurso biomédico e o da construção social na pesquisa sobre intersexualidade*. *Physis Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 19 [4]: 1145-1164.
- CSORDAS, Thomas. 2008. *A Corporeidade como um Paradigma para a Antropologia*. In: *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre, Editora da UFRGS.
- FOUCAULT, Michel. 1980. *Herculine Barbin: Being the recently discovered memoirs of a nineteenth-century French hermaphrodite*. Pantheon Books, New York.
- FOUCAULT, Michel. 1983. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- FOUCAULT, Michel. 1987. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Lígia M. Pondé Vassalto. Petrópolis: Vozes.
- GRASSI, Clarissa e BATISTA, FABIANO, 2012. Em nome do pai: análise do mausoléu familiar como fato de distinção dentro da arte tumular. *Habitus*, Goiânia, v. 10, n.2, pp. 241-257, jul./dez.
- HERDT, Gilbert. (ed.) 1993. *Third Sex, Third Gender: Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History*. New York, Zone Books.
- LATOURETTE, Bruno. 2012. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: EDUFBA-EDUSC.
- LE BRETON, David. 2003. *Adeus ao corpo*. Antropologia e Sociedade. Campinas: Papyrus, pp.13-66.
- LIMA, Tania. 1994. *De morcegos e caveiras a cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais)*. In: *Anais do Museu Paulista*. N. Ser, v.2, pp. 87-150.
- MACHADO, Paula Sandrine. 2005a. *"Quimeras" da ciência: estudo antropológico sobre as representações de profissionais da saúde acionadas em casos de genitália ambígua*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.20 no.59, São Paulo Oct.
- MACHADO, Paula Sandrine. 2005b. *O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural*. *Cadernos Pagu* (24), pp.249-281, janeiro-junho..
- MOLLINARI, Luís. 2011. *As necrópoles como Patrimônio Cultural: Reflexões sobre o inventário do Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte*. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História.
- MOTTA, Antonio. 2009. *Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. *Rev. Brasileira de Ciências Sociais*, v. 24, n. 71, pp. 73-93.
- MORANDO, Luiz. *"Miloca que virou David": intersexualidade em Belo Horizonte (1917-1939)*. *Bagoas*, n. 08, p. 147-169, 2012.
- MOORE, Henrietta. *Compreendendo sexo e gênero*. Understanding sex and gender, in Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Londres, Routledge, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões, 1997.
- SALERNO, Melisa. *Arqueología del cuerpo en el mundo moderno*. VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica, Volume 9, Número 1, p. 9 – 27, Janeiro – Junho 2015.
- STARLING, Anne. 2000. *Sexing the Body*. Basic Books, New York, 473pp.
- RIBEIRO, Marily. 2007. *Arqueologia das Práticas Mortuárias: uma abordagem historiográfica*. São Paulo: Alameda, 194pp.

ZARANKIN, Andrés. 2002. *Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista; O caso de Buenos Aires*. Centro de Historia da Arte e Arqueologia (IFCH-UNICAMP), Campinas,

ZARANKIN, Andrés. 2012. *Corpos congelados: uma leitura metafórica de paredes e muros em Belo Horizonte, MG*. IN: J. MACEDO; R. de ANDRADE; C. TERRA (Orgs.) *Arqueologia na paisagem: Novos valores, dilemas e instrumentais*. Rio de Janeiro: Rio Books, pp.18-33.